



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente da Rússia, Dmitri Medvedev
Moscou-Rússia, 14 de maio de 2010**

Presidente: Eu, eu não vou, não vou, não vou fazer nenhuma avaliação do (incompreensível), porque eu não participo das reuniões, então nem sei qual é o nível da discussão que eles fazem. Eu apenas acredito muito no diálogo e acredito muito no exercício da política e da diplomacia a persuadir as pessoas a evoluírem (incompreensível), ou seja, depende muito das conversas.

Eu não sei (incompreensível) por que, mas eu estou, a cada dia – e está chegando o momento de chegar ao Irã, a Teerã – eu estou ficando mais otimista, estou ficando mais otimista. Eu acho que como eu não desejo nada de mal para o Irã, eu desejo para o Irã apenas aquilo que eu quero para o Brasil. Eu desejo para o Irã o mesmo que eu quero para o Brasil. O Brasil é um país que tem, na sua Constituição, a proibição de construção de armas nucleares. Não é um desejo do presidente Lula. É a Constituição brasileira que proíbe e, graças a Deus, eu fui constituinte em 1988, quando assinamos aquela Constituição.

Segundo, nós somos um país que tem uma história de paz (incompreensível). Gostamos de música, gostamos de carnaval, gostamos de futebol, gostamos de fazer política, gostamos de trabalhar e gostamos de paz, porque achamos que somente num clima de paz é possível a gente pensar o progresso e o desenvolvimento (incompreensível). Eu fico imaginando quanta energia positiva já foi perdida nesses últimos meses, de lideranças importantes, discutindo a questão nuclear iraniana, e quanta energia foi perdida também no Irã, discutindo o comportamento dos outros com relação ao Irã.

Então, nós vamos lá com esse objetivo, de levar a diplomacia ao seu nível, possivelmente, mais exigido, de convencer os companheiros iranianos de



que um bom acordo é muito melhor do que um processo de divergência, de briga. Como eu comecei a minha vida política fazendo acordo como dirigente sindical, em momentos difíceis no Brasil, onde não havia liberdade sindical, onde não havia direito de greve e, muitas vezes, a gente era obrigado a convencer um empresário que não queria nem se sentar à mesa conosco para fazer o acordo.

Como eu conheci o Medvedev em Nova Iorque, por ocasião das Nações Unidas... Quando eu conheci o Ahmadinejad, em Nova Iorque, por ocasião da reunião das Nações Unidas, conversei com ele e percebi... Eu tenho uma tese, Medvedev, de que não tem nenhum ser humano cem por cento bom, e também não tem nenhum ser humano cem por cento ruim. Todos nós temos um ponto de equilíbrio no nosso comportamento, e eu acho que o presidente Ahmadinejad tem um lado muito interessante, para que a gente possa construir o acordo.

Eu já sei o que todo mundo pensa, já sei o que todo mundo pensa do Irã. Agora, a verdade é essa: a verdade é que eu acredito, acredito que o povo do Irã quer paz. Eu acredito que as mulheres, os homens e as crianças do Irã querem paz, como quer o povo brasileiro, como quer o povo russo. E eu acho que é preciso, então, a gente estabelecer essa relação de confiança... porque em política, também, quando você perde a confiança, fica muito mais difícil você fazer qualquer acordo. Uma coisa é você conversar com alguém em quem você acredita e confia. Outra coisa é você conversar com alguém que você acha que não é teu amigo ou não confia em você.

Então, eu vou tentar utilizar tudo o que eu aprendi na política nesses trinta anos para convencer o meu amigo Ahmadinejad a fazer o acordo que a Agência propõe e que todo mundo quer que seja feito. Eu tenho certeza que é isso o que o presidente Medvedev quer, tenho certeza que é isso que querem todos os presidentes. Eu defendi a tese de que começar rapidamente a punição, achando que as sanções iriam facilitar um acordo era um equívoco,



na minha opinião. Então, eu quero até agradecer a compreensão do presidente Medvedev, que foi daqueles que entenderam que era importante a gente fazer esse gesto, para ver se a gente consegue resolver tudo tranquilamente. Então, eu vou para o Irã com a convicção, com a convicção de que nós vamos encontrar um acordo. Se não encontrar um acordo, eu voltarei para casa feliz porque não fui omissos e porque tentei fazer aquilo que eu acreditava que era necessário fazer, e acho que todos nós vamos ganhar com isso. Portanto, se eu era otimista ontem, estou muito mais otimista hoje, estarei mais otimista amanhã, e espero estar muito mais otimista depois do encontro com o presidente Ahmadinejad.

Jornalista: Boa tarde, senhor Presidente. Tânia Monteiro, do jornal O Estado de São Paulo. Os Estados Unidos e agora a Rússia, com o presidente Medvedev, reiteraram que a visita do Brasil ao Irã seria a última chance de se tentar um acordo na área nuclear, antes das sanções. Eu gostaria de saber se os senhores acham que se esse acordo não sair agora, vai ser impossível evitar as sanções ao Irã, e queria ouvir dos senhores, de zero a dez, quais são as chances, na avaliação de cada um dos senhores, de sair o acordo. Obrigada.

Presidente Medvedev: (em russo)

Presidente: Olhe, eu penso, ô Tânia, que todos nós que somos assinantes do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, todos nós que estamos subordinados às decisões da nossa instância, que é a mais importante instância que nós temos, que são as Nações Unidas, nós temos que estar de acordo com as decisões das Nações Unidas. Todo mundo sabe que o Brasil tem uma divergência com o Conselho de Segurança da ONU porque achamos que ele representa a geopolítica de 1948. (incompreensível) de [19]45, mas



não representa a geopolítica de 2010. O mapa do mundo mudou, quem tinha mais força política (incompreensível), e outros fatores políticos do mundo, outros continentes foram ficando importantes. Então, nós achamos que se fosse maior, tivesse mais países mais democráticos, a gente tinha mais força.

Nós acreditamos que o Conselho de Segurança tem tomado uma posição, não tem unidade dentro do Conselho de Segurança. Vocês acompanham pela imprensa: uns querem mais, outros querem menos; uns são mais duros, outros são mais flexíveis. E isso faz parte da política. Eu, sinceramente, eu não vejo nenhuma razão para não dizer que nós vamos fazer uma boa conversa com o Irã e que vamos fazer um acordo. Eu não vejo por que não fazer o acordo, eu não vejo por que. Se o Irã tem problema com outros países e tem dificuldade de conversar, conosco... nós não temos esse problema. Aliás, nós queremos conversar e queremos aprimorar a nossa relação com o Irã porque nós temos um comércio razoavelmente forte e uma balança comercial altamente superavitária para o Brasil. Nós vendemos quase 2 bilhões e compramos quase nada. Então, nós temos que levar em conta que nós temos que fazer um sacrifício para encontrar um caminho. Eu, sinceramente... O Medvedev disse que [daria] três, eu daria 9,99 (incompreensível), e se não der certo, talvez (incompreensível). Eu confesso que eu vou para lá muito otimista. Eu vou para lá... obviamente que vou falar em nome do Medvedev, vou falar em nome de tantos companheiros, dizer que é o que todo mundo quer. Espero que Deus nos acompanhe nessa viagem e a gente possa dar uma boa resposta a nós mesmos, brasileiros, e ao povo iraniano.

E depois, tem muita coisa para resolver, o Irã é apenas uma parte. Nós temos que resolver o problema do Oriente Médio. As Nações Unidas, que criaram o Estado de Israel, poderiam, as mesmas Nações Unidas, criarem o Estado palestino, criarem e consolidarem dois Estados livres, soberanos, vivendo harmonicamente.

Eu passei uma parte da minha juventude sendo contra a invasão da



Rússia ao Afeganistão. Agora eu quero paz para o Afeganistão também. Eu li um artigo (incompreensível), do ex-ministro da Agricultura (incompreensível), do atual ministro. Ele fez um artigo que foi publicado num grande jornal no Brasil, que dizia o seguinte... A Embrapa, que é uma empresa de pesquisa agropecuária brasileira é a empresa que detém o mais importante conhecimento na agricultura tropical. Então, o ministro dizia assim: “A paz no Afeganistão chama-se Embrapa”. O dia que tiver uma empresa agrícola, que produza alimentos para esse povo, nós encontraremos paz (incompreensível). E nós, como somos muito otimistas, estamos mandando uma equipe de pesquisadores da Embrapa ao Afeganistão, para dizer para eles que nós estamos dispostos a ajudá-los a produzir alimentos, para construir a paz no Afeganistão.

Então, eu vou morrer otimista. Eu sou tão otimista, que perdi quatro eleições...

_____ : (em russo)

(\$31FGJLMQ)